

# São Paulo prefere Haddad na Fazenda

O presidente Itamar Franco prometeu modernizar o país "sem empobrecer a classe média e sem agravar o sacrifício dos trabalhadores". Para fazer isso deve começar por acabar com a inflação, fonte principal dos sacrifícios impostos à classe média e aos trabalhadores. E é em nome do combate à inflação que se vem aplicando a política dos juros altos, desde que ainda em 1991 assumiu o Ministério da Economia o embaixador Marcílio Marques Moreira. Os juros, aliás, vêm caindo, segundo o ministro Paulo Haddad, em consequência do desafio político provocado pelo funcionamento das instituições para levar ao *impeachment* do ex-presidente.

Antes que falasse ontem à imprensa, Haddad recebeu recomendação de Itamar para abandonar o tom pessimista e dar ênfase ao compromisso social do governo, coisa que aliás já vinha fazendo. Didaticamente, o ministro tem ensinado que não pode abandonar as taxas de juros como arma antiinflacionária até que o Congresso lhe dê o ajuste fiscal. Repete assim o que dizia seu antecessor cujas linhas gerais coincidem com as suas. Só com o reforço do caixa o governo pode prescindir dos juros altos e pô-los abaixo para propiciar a retomada dos investimentos e do desenvolvimento. E só por aí o presidente terá meios com que realizar sua sonhada política social.

O desempenho do ministro do Planejamento

está sendo considerado por São Paulo como firme e equilibrado e como para os paulistas o Ministério da Fazenda é o que importa o governador Luiz Antônio Fleury manifestou em Brasília o desejo de que se faça a transferência. O problema estaria na escolha do novo ministro do Planejamento, que deveria ser alguém que não criasse obstáculos à gerência econômica do ministro da Fazenda. A avaliação foi feita ao longo de um almoço na capital logo depois do discurso de Itamar Franco. Os interlocutores foram os dois ministros de São Paulo no governo, Alberto Goldman, dos Transportes, e Fernando Henrique Cardoso, das Relações Exteriores, presente também o embaixador José Aparecido.

Fleury mostrou-se interessado na cooperação do seu estado com o governo federal. São Paulo poderá ser um fator de equilíbrio no processo. Ele parte da observação de que uma crise como a que atingiu o Brasil não se resolve em apenas dois anos. Esse deverá ser um período de transição e de estabilização das conquistas institucionais que foram o ganho do processo de *impeachment*. Mas essa é uma prova a que o país e o governo se submetem cotidianamente. Por isso é que se requer no momento a cooperação do Congresso e dos governos estaduais para que o país evolua com segurança para tempos melhores.